

Enquanto se prepara uma sentença absolutória aos revoltosos de 18 de abril, vão morrendo pelas prisões algumas dezenas de operários

As liberdades individuais nos tempos de democracia que vão correndo são um bluff, como mais uma vez o temos provado. A concessão desse direito, longe de ser indistinta, é apenas conferida aos inimigos do regime, que só em casos muito excepcionais vão perante a justiça prestar contas da sua delinquência. E a prova está a esmagadora realidade do que se está passando com os implicados no falido movimento conservador de 18 de Abril, cujo epílogo vai ver-se em breve na Sala do Risco do Arsenal de Marinha.

Não nos anima o espírito de vindicta, esperando do tribunal que julga os autores da referida intenção uma condenação pesada, pois isso não viria meter nos eixos este estado de coisas, como igualmente não contribuiria para que terminassem os movimentos que têm perturbado a sociedade portuguesa.

Mas se tal não auguramos, não concebemos igualmente como se pode estabelecer uma dualidade de critério, preparando-se uma sentença absolutória para indivíduos que foram encontradas com armas na mão, e se esteja proferindo, sem processo de julgamento, a pena de morte a dezenas de operários que ajudaram a derrubar o movimento de que aqueles foram autores. Enquanto se consoma o desafio dos homens da justiça para com criminosos, a polícia proceda contra todas as normas de direito contra os operários que há mais de três meses agilizam pelas esquadras. Pode-se conceber maior monstruosidade! Em boa doutrina, só como provocação tal se aceita.

Nas esquadras do Caminho Novo, Santa Marta e outras há operários há mais de 100 dias aguardando destino, que já mais lhes será dado. No Governo Civil há operários há mais de três meses igualmente sem destino. E todavia, quando nestas colunas agitamos com certa acrimónia a flagrante injustiça que representava semelhante detenção logo a polícia nos seus órgãos oficiosos veio a público dizer que o carrasco-mór sr. Barbosa Viana estava procedendo à revisão dos processos, só podendo depois de concluída essa revisão ser dado destino aos presos.

A pesar da inconstitucionalidade de semelhante medida, como muito bem asseverou o dr. Mário Monteiro, na sua conferência realizada há dias, os processos já foram revistos, e o polícia sr. Barbosa Viana já tornou público o seu pensamento. Mas enquanto isto se passou, o que vimos nós?

Os presos continuarem numa situação indefinida, sem conhecerem qual o seu destino. Ainda nada lhes foi dito, só se concedendo, através da entrevista concedida a um jornal da tarde pelo sr. Barbosa Viana, que há o propósito de fazer seguir para a Guiné, a fim de serem julgados, alguns operários por quem os «xefes» Barbosa e Xavier não morrem de amores.

E enquanto isto se passa, na esquadra do Caminho Novo o preso José da Silva continua expectorando sangue e contagiando os seus colegas de cativo; na esquadra de Santa Marta há dois presos com os corpos cobertos de equimoses; no governo civil há mais vítimas em revoltante promiscuidade; em Cabo Verde e Guiné, sujeitos às febres palustres, há ainda umas dezenas de farrapos humanos que mal se podem equilibrar naquele o torrido clima.

E em frente deste quadro verdadeiramente horrível, o que pensamos os homens da justiça? O que pensam os homens do governo, e muito especialmente o sr. Domingos Pereira, tão liberal quando fora da barca governamental?

Naturalmente pensam em não contrariar os propósitos do sr. Barbosa Viana, que não tem certamente um sentimento tão feroz para os homens do 18 de Abril.

Piora a situação na Síria

PARIS, 4.—Telegramas recebidos no ministério das Colónias informam não ter melhorado a situação na Síria.

O general Sarrail partiu para Damasco.

A voz serena, mas forte, do povo chinês reclama a sua libertação

A vida internacional mostra-se tão pródiga em assuntos de interesse, de problemas vitais, que muitas vezes nos vemos perplexos para nos decidirmos a escolher o tema dos trabalhos diários. Hoje por exemplo poderíamos tratar entre muitas outras coisas do congresso socialista de Marselha e das suas declarações finais contra o comunismo; das negociações em curso entre a Grécia e a Roménia, tantas vezes abortadas, para chegar a um acordo, que seria o primeiro passo para «a grande Liga Balkânica» das novas manifestações de violência e de terror que, graças à influência do «esquadrismo» e do seu chefe Farinacci, voltam a caracterizar a tática fascista do movimento anti-semita que vai tomando incremento em certos países da Europa oriental e que em Viena ocasionou manifestações sangrentas por ocasião do Congresso sionista; da atitude belicosa da Turquia, nos assuntos de Mossul, das consequências do triunfo da Cook na última greve inglesa e da sua previsão sobre os processos da acção directa; da evolução do espírito das Trade-Unions para as soluções radicalíssimas em matéria social; do grande choque entre as mais formidáveis associações operárias inglesas e as poderosíssimas organizações capitalistas daquele país, anunciado para data bem próxima e que será, se se produz, a mais tenebrosa contenda social que até hoje se deu no mundo.

Se a Batalha se interessasse por assuntos que nada têm que ver com as massas operárias poder-se-ia ocupar também: da viagem de Caillaux a Londres e das suas controvérsias com Churchill; da refutação dos peritos franceses, ingleses, belgas e alemães para estudar os princípios fundamentais do pacto de segurança; das manifestações de Stresemann sobre o ingresso da Alemanha na Sociedade das Nações; da notícia de que Painlevé irá a Genebra inaugurar as sessões da assembleia; das correntes existentes em Washington para chegar a um acordo com a França sobre as dividas da guerra; etc. etc.

Sendo todos os assuntos primitivamente indicados, bastante interessantes, por agora daremos a preferência a um sobre o qual a imprensa burguesa passou quase em claro, por muitas razões e entre elas por causa de Macau: Trata-se da questão da China que no fim de contas é o mais delicado e complexo que o mundo pode presenciar porque nela estão em jogo as conveniências das grandes potências imperialistas, como os Estados Unidos, o Japão e a Rússia e que certamente arrastará a política internacional para terrenos erigidos de perigos e de complicações.

Finalmente o que pretende a China? É um documento oficial, uma nota comunicada pelo ministro da China na Suíça aos jornais da Confederação Helvética e que foi entregue a todas as potências europeias, as E. Unidos e ao Japão, que nos vai responder.

A nota que somos obrigados a resumir,

Alberto Thomas, presidente da Repartição Internacional do Trabalho, visitou ontem a sede da C. G. T. e de «A Batalha»

O presidente do Bureau Internacional do Trabalho sr. Alberto Thomas veio ontem, pelas 9,30, visitar a sede da C. G. T., onde era aguardado pelo secretário geral, o nosso camarada Silva Campos, e por vários militantes operários. Alberto Thomas visitou também o salão da Construção Civil, o gabinete do Conselho Técnico deste organismo e as instalações da Batalha. Teve um único comentário: estão principescamente instalados. Este comentário era uma maneira irónica de retorgir à observação que nós fizemos à sua estada no Avenida Palace, do seu luxo de burguês, do grande burguês que ele é...

Albert Thomas falou largamente sobre a conveniência—que no dizer dele havia—em a C. G. T. fazer-se representar nos Congressos do Bureau da Internacional do Trabalho, nomeando os dois delegados a que teria direito como representante das classes trabalhadoras portuguesas. Afirmou que a C. G. T. podia tomar parte nesses congressos sem abdicar dos princípios socialistas revolucionários.

De resto essa representação era bastante facilitada visto que estava assegurada pelo artigo 13.º do Tratado de Versalhes, não podendo nenhum governo fazer a mínima oposição. E citou factos ocorridos nalguns países como a França e o Japão.

É extraordinário constatar que essas facilidades não existem quando se trata de outros congressos ou de viagens de operários e entendimento de militantes operários, chegando a negar-se passaportes e a prender-se os delegados, como aconteceu aos dois representantes da C. G. T. portugueses que foram a Sevilha.

Disse ainda o presidente do Bureau que se a C. G. T. o quizesse, ele enviava a Portugal dois delegados do Bureau que viriam expor, pormenorizadamente como funcionava esta secção da Sociedade das Nações.

Depois dum ligeira troca de impressões retirou-se sendo acompanhado até à porta do edifício pelo nosso camarada Silva Campos.

A maneira cortez como foi recebido Alberto Thomas, que foi tratado com a urbanidade e correcção com que tratamos todos os que nos procuram, não corresponde, de nenhum modo, a uma concordância com as suas propostas. A C. G. T. não pode fazer-se representar num organismo internacional que visa a eliminar a luta de classes, substituindo-a pela colaboração de classes, colaboração que só dá vantagens apreciáveis à burguesia capitalista.

Os congressos do Bureau têm por cada país a seguinte representação: 2 delegados operários, 2 delegados dos patrões e 2 delegados do Estado. Com esta constituição é fácil de prever que, ainda que todos os delegados operários soubessem defender os interesses das classes trabalhadoras; o seu trabalho seria inútil, pois os delegados dos patrões e dos Estados dispõem, nas votações, duma forte maioria, visto que 2/3 do

apanhando apenas os seus pontos principais, tem um introito cujo fim é demonstrar que o que a China pretende é manter relações de amizade com todos os países do mundo.

Antes de tudo, as regras admitidas geralmente no direito internacional e a equidade, exigem que os tratados sejam revistos para o compor de novo e estabelecer novas formas reguladoras entre a China e as potências, de forma que aquela não continue a ser a região expoliada e martirizada continuamente para suprema felicidade da burguesia anglo-saxónica e francesa.

O documento aludido diz que se deve tomar em conta que os tratados em vigor foram redigidos há muitos anos e em circunstâncias tais que não podem ser discutidos. Isso é verdade! Os tratados referidos chamam-se sarcásticamente pactos (o que significa dualidade de vontade) e a China não optou, resignou-se a viver conforme as imposições que lhe ditaram as potências europeias.

A China cumpria os seus deveres e submeteu-se a um regime de privilégios e concessões, políticas e económicas, enquanto duraram as circunstâncias que os havia motivado. Hoje, tendo cessado aquele estado de coisas, a continuação do regime de privilégios, de imunidades políticas e económicas concedidas aos estrangeiros, não pode justificar-se de forma alguma.

O documento lembra, por exemplo, que foi pedido à China, ao que esta anuiu, para participar na guerra «ao lado das potências aliadas e associadas, em defesa da justiça e na luta pelo respeito do direito internacional (?), vindo daí uma melhoria definitiva no seu estatuto internacional e com a promessa recebida com alegria por parte daquelas potências, de que no futuro gozaria nas relações internacionais do lugar e dos respetos devidos a um grande país.»

A seguir descreve a desilusão do povo chinês ao ver os seus aliados triunfantes e as promessas não cumpridas, apesar dos esforços feitos na Conferência da Paz, em Paris e em Washington. Todas as potências reconheciam a justiça de rever os tratados que servem de estatuto internacional à China, mas nenhuma permitia que tal se fizesse.

E o documento termina dizendo: «O governo chinês está convencido que só um regime que não seja o de impostos de privilégios e de imunidades extraordinárias, poderá contentá-la.»

A voz da China, respeitosa e comedida é serena e solene. No último período do documento diplomático, há muita delicadeza, mas também se sente um pulso de ferro.

As potências imperialistas devem satisfazer os desejos do povo amarelo ou então... o futuro reservam-nos há grandes surpresas.

O congresso é composto por eles. Acresce ainda que qualquer país tem o direito de anular as decisões tomadas nesses congressos o que prova, uma vez mais, que eles são tão perniciosos como inúteis.

Para que serve então essa famosa Secção da Sociedade das Nações?—interrogará o leitor.

Serve para alimentar uma parassitagem dourada que anda pelo globo passeando e recreando-se confortavelmente e que arrasta em Genebra uma existência remançosa e cheia de fausto. Serve também para ludibriar os operários fazendo-lhes crer que na sociedade actual os conflitos entre operários e patrões não tem razão de ser, pois por meio de acordos pacíficos e de arbitragens tudo se consegue.

É escusado refutar esta mentirosa asserção, pois por meio de acordos pacíficos e de arbitragens ainda se não conseguiu conquistar uma única regalia. Alberto Thomas teve uma declaração que define bem a argúcia própria dos políticos quando disse que a C. G. T. podia colaborar nos Congressos do Bureau, sem abdicar dos seus princípios, nem dos seus métodos de acção. Como se fosse possível a um organismo como a C. G. T., que assenta na luta de classes e na acção directa ir colaborar com os Estados e os patrões coligados na Sociedade das Nações. Essa colaboração seria a negação da existência da C. G. T. e a traição mais completa aos interesses das classes trabalhadoras.

Albert Thomas sabe a estas horas que a C. G. T. portuguesa continua mantendo a sua atitude de independência em face dum organismo que é uma verdadeira cida-dela da burguesia internacional. Para se compensar desse desgosto pode ir contar para Genebra que foi muito bem recebido pelas «forças vivas» e que o seu órgão O Século o tratou com requintada amabilidade, com a amabilidade que merece um homem que é acompanhado por um secretário particular e um chefe de gabinete...

O sr. Alberto Thomas seguiu ontem mesmo para França no Sud-Express.

Os Marítimos do Norte

A Batalha publicou ontem um artigo, cujo título não correspondia exactamente ao seu conteúdo. Trata-se da carta do nosso presado correspondente do Porto. Dizia-se no título que os sindicatos marítimos do Porto «fundaram a União dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais da Região Portuguesa», quando devia dizer-se—porque é essa a verdade—que fundaram a União dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais da Região do Norte. Fica feita a rectificação para evitar os conseqüentes mal-entendidos.

A Batalha publicou ontem um artigo, cujo título não correspondia exactamente ao seu conteúdo. Trata-se da carta do nosso presado correspondente do Porto. Dizia-se no título que os sindicatos marítimos do Porto «fundaram a União dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais da Região Portuguesa», quando devia dizer-se—porque é essa a verdade—que fundaram a União dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais da Região do Norte. Fica feita a rectificação para evitar os conseqüentes mal-entendidos.

Lede o Suplemento da «A Batalha»

Durante a audiência de ontem do julgamento do 18 de abril os militares continuaram a denunciar-se uns aos outros

Prossiguiu ontem o julgamento dos implicados no movimento de 18 de Abril. Motivado nas declarações proferidas na penúltima audiência pelo tenente Jorge Botelho Moniz, foi ontem lavado o auto de notícia contra o capitão Albuquerque, da O. N. R., que comandava o esquadrão que em Benfca se encontrou com o grupo a cavalo de Queluz e o deixou seguir para Lisboa.

Ao meio dia foi declarada aberta a audiência. O 1.º sargento Jeremias procedeu à chamada dos reus e das testemunhas de acusação.

O tenente Jorge Botelho Moniz acrescenta ao seu depoimento as seguintes declarações:

—As forças da G. N. R. que estavam em Campolide estavam dentro da área ocupada pelos revoltosos, e se saíram do local do acampamento, foi por terem tomado antecipadamente o compromisso de não hostilizarem os revoltosos. Confraternizavam tanto com a G. N. R. que até eu, necessitando de um clarim para o grupo a cavalo, o mandei pedir à própria guarda, que se prestava a emprestar-me mediante recibo. A minha impressão é que as forças da guarda estavam conosco. Mas depois, como recebemos ordens do governo, cumpriram-nas.

Findo o seu depoimento foi lido o auto de notícia a que acima nos referimos, que o réu confirmou.

O depoimento do capitão Baptista

Depois a seguir o capitão Baptista, que declara ter comandado o 1.º grupo de metralhadoras no movimento revolucionário e lê as suas declarações.

Diz que o movimento era de carácter republicano.

Na madrugada de 18 de Abril—diz—quando o grupo de metralhadoras se achava formado na parada do quartel, mandei izar a bandeira nacional e declarei a todo o grupo que era por aquela bandeira que nos íamos bater. Há 400 homens testemunhas deste facto.

Prossiguiu:

—Eu não tinha que dar satisfações aos meus soldados, que para me seguirem não precisavam, mas quis acentuar que era pela República e só por ela que nós íamos

obrigar os políticos a entrar no cumprimento da lei. Esta unidade do exército, com 15 anos de existência, durante os quais tantas provas de patriotismo e de dedicação à República tem dado, concederá em campanha com a Cruz de Guerra de 1.ª classe e a comenda da Torre e Espada, foi extinta, porque não fez política e nunca quis servir um partido para onde tantas vezes a quizeram arrastar.

Insurge-se contra o decreto que o separou do exército.

Um rór de gente comprometida

O tenente Mário Costa declara ter comandado uma companhia do B. S. C. de Ferro no movimento, tendo nele tomado parte com toda a consciência, acompanhando o movimento desde os seus trabalhos preparatórios. Declara que o movimento contava com muitos elementos e cita por exemplo o capitão Rodrigues, de infantaria 16, o capitão Falcão, que se dizia delegado do forte da Ameixoeira, que compareceram a várias reuniões, tomando compromissos solenes com os revolucionários. Também o tenente Gaspar, de cavalaria 2, disse ao rei que estava de acordo com o movimento e que se dirigisse ao tenente Gonçalves daquela unidade. Procurado pelo rei, o tenente Gonçalves tomou com ele o compromisso de cooperar no movimento, dizendo que, enquadrado ou não, o regimento sairia para o acampamento revolucionário.

Também os tenentes Horta e Coelho, de infantaria 1, se comprometeram a não hostilizar o movimento. Falou ainda ao tenente Frois, de artilharia 3, que igualmente se comprometeu. O tenente Félix Antunes também se comprometeu a arranjar os precursores para as peças, e depois foi dos que fez fogo contra a Rotunda. Em face destas declarações, o promotor requereu para serem levantados autos de notícia, a-fim-de serem enviados ao quartel general da Divisão.

Em seguida o capitão miliciano Francisco Cardoso de Castro confessa a sua colaboração no movimento. O capitão de engenharia Raimundo António Rodrigues Serão, fazendo idêntica declaração, acusando os tenentes Gonçalves e Félix Antunes de terem tido convicção na revolução.

Mais um major comprometido

O tenente Júlio Botelho, depois do tenente Ferreira Martinho ter prestado as suas declarações disse que soubera com antecedência da revolta; que concordava com ela, nas suas determinações e na sua finalidade, pelas razões já expostas pelos seus superiores, e que assumia completamente a responsabilidade dos seus actos de tudo o que se passou.

Depois refere o seguinte episódio: Um dia, em infantaria 16, o tenente Frederico Peixoto Chêdas foi chamado pelo comandante da unidade—major sr. Henrique de Melo—para o intimar a lhe confessasse se estava comprometido em algum movimento revolucionário. Chêdas confessou que, efectivamente, estava comprometido. O comandante pediu-lhe que lhe contasse tudo quanto a tal respeito se fosse passando, apelando, para isso, para a sua lealdade. O tenente prometeu e cumpriu, garantindo que jamais seria desleal para o seu comandante.

De ali há dias deu-se o conhecido incidente do quartel general; o major Melo falou em requerer a sua transferência para outra unidade; os oficiais não lho consentiram; e assentou-se, a pedido instantâneo do major Melo, que ninguém se faria eco do que ali se passava. Todos concordaram; todos se comprometeram, sob sua palavra de honra, e todos cumpriram, exceptuando o comandante que, na hora do combate apareceu a atacar os seus oficiais e, com eles, os restantes revolucionários do Parque Eduardo VII.

O juiz: —O major sr. Melo estava comprometido, então, no movimento? —Nesse dia, não. —E na véspera? —Na véspera... talvez.

Mais: —O major sr. Melo comprometera-se sob sua honra a não denunciar os camaradas; e... denunciou-os a todos. Hoje há audiência.

O nosso colega de imprensa sr. Félix Correia enviou-nos uma carta, sobre a atitude do alferes sr. Carvalho Nunes, que hoje não publicamos devido ao adiantado da hora em que foi recebida.

Notas & Comentários

O maior couraçado do mundo

A Inglaterra acaba de construir e lançar ao mar o maior couraçado do mundo. Chama-se Nelson. Transporta à vontade 1.500 combatentes. É uma cidade flutuante e infame pronta a vomitar metralha de morte e de destruição. Custa anualmente 850 mil libras esterlinas. Para que quer a Inglaterra aquela bizarrice? Para manter a paz no mundo. A paz mantida à força de canhões lembra a paz serena dos cemitérios—onde a morte impera como seguro elemento de ordem...

Números sombrios

As estatísticas demonstram que Lisboa é a cidade do mundo onde existe maior número de menores delinquentes. Se se prendessem todos os menores que se entregam ao roubo ou à vadiagem passariam anualmente pelas cadeias uns vinte mil!

Estes factos absolutamente desagradáveis revelam-se sem que ninguém tome providências, sem que os governos pensem sequer em remodelar por completo os serviços de assistência a menores, nem em mandar edificar escolas, as escolas que foram prometidas no tempo da propaganda...

A guerra de Marrocos

Começou o bombardeamento das costas do Rif

TANGER, 5.—Começou hoje o bombardeamento das costas do Rif por aviões e navios da esquadra franco-espanhola, ao mesmo tempo que se operava o desembarque de 28000 soldados espanhóis.

Os rifenhos concentram fortes colonas

TANGER, 4.—Os rifenhos estão concentrando fortes colonas nas proximidades de Chechuão.

Comanda-as o irmão de Abd-el-Krim.

A prisão de comunistas

ORAN, 4.—Foram presos ao desembarcar nesta cidade o deputado comunista Doniot e cinco dos seus correligionários que pretendiam alcançar Marrocos, onde tencionavam exercer política derrotista perto das tropas francesas.

Petain, chefe supremo das tropas francesas

PARIS, 4.—O conselho de ministros aprovou as disposições fixadas por Painlevé para o comando superior de tropas de operações em Marrocos.

O marechal Petain será o chefe supremo das tropas, o marechal Lyautey terá a seu cargo o desempenho das funções de presidente, dirigindo portanto à acção política junto das tribus fiéis.

O marechal Lyautey partirá para Marrocos no dia 12 do corrente, devendo voltar à França em Outubro a fim de conferenciar com o governo.

Uma ofensiva franco-espanhola

PARIS, 4.—Os jornais anunciam o início duma grande ofensiva terrestre e marítima franco-espanhola em Marrocos.

Para a levar a efeito, a esquadra francesa está concentrada com a espanhola na baía de Alhucemas, a fim de cooperar com as tropas de desembarque.

Trabalhistas ingleses que partem para a Rússia

LONDRES, 4.—Partiram para Moscóvia quatro deputados trabalhistas que vão estudar as possibilidades de efectivação das relações económicas anglo-soviéticas.

Em troca do puro trigo que lhe entregam para moer, a moagem «Samorense» impinge uma repugnante putreia

Os da moagem, afirmam eles, não se preocupam absolutamente nada com a campanha da Batalha; mas todos são olhos para descobrirem se algum dos empregados a lê!

A campanha não os preocupa, porque é tudo mentira quanto temos afirmado. A farinha que vendiam não era pódre... eram as pedras francesas, ou espanholas que estragavam o trigo, porque algum que humedecia, dava-se aos animais.

Dava, é certo, aos animais racionais de Samora Correia, que se iam sentindo arruinados do estomago lentamente, chegando, os que melhor podiam, e supomos que os próprios directores da moagem a mandar vir pão de Benavente e de Vila Franca, para poderem tomar o seu café.

Eles não se incomodam com as verdades que aqui temos publicado, mas... se nos pudessem fazer mal!... Com que vontade nos fariam passar pelos cilindros por onde têm feito passar toda a espécie de estrume que têm feito ingerir a esta pobre gente!

Eles não se incomodam; mas ultimamente têm fornecido farinha à cooperativa Tejo e Sado, que faz um pão que já parece pão.

E querem ver que a campanha de A Batalha alguma coisa os tem preocupado?

Os fazendeiros de Samora, que residem longe da vila costumam reservar uma parte dos seus trigos para fazerem os próprios fornos o pão de que se alimentam; e para isso costumam «colherem» os limpo-lo, joelrão à primor, pois todos querem ter o privilégio de levar ao moinho o puro grão para terem a certeza de que comem do seu trigo, e assim o trazem à moagem; mas o que é facto é que trazem trigo e levam putreia, e putreia de tal natureza que lhes faz um pão muito pior do que aquele que se diz ter sido amassado pelo demónio, como cautelosamente pronuncia o muito reverendo moageiro-mór destas paragens.

Tem havido questões domesticas por causa do pão. Os maridos increpam as mulheres pela sua imperícia, imprevidência ou descuido no fabrico do pão. As mulheres afirmam a pés juntos que, com tais farinhas, por mais que as trabalhem, lhes é puramente impossível fazer pão comestível.

O defeito é da moagem que fica com os trigos puros e lhes dá em troca a fazenda aviariada que, por outra forma, lhes não é fácil impingir.

Ainda há dias uma mulher das Tapadas, munida de um pão quasi tão negro como a batina do padre Tobias, entrou esbaforida nos domínios da Samorense:

—O sr. prior está?

—Está, mas agora não lhe pode falar, que já está no automóvel para sair, acudiu o sub-gerente da Samorense.

«Mas, se é alguma coisa que eu possa...»

«Deu com os olhos no triste corpo de delito que a mulher trazia, pelo que, fazendo entrar a mulher:

—De que se trata?

—Pouca vergonha! Pode lá ser um desajuste destes? Uma rouba-nos nas rendas e outra rouba-nos o trigo, dando-nos em troca esta porcaria?

«Isto não pode ficar assim.

—Venha cá mulherzinha; isso de pão não ter ficado branco...

—E cheira mal...

—Hum! Não está mau!

—Havia de você comê-lo!

—Talvez uma troca de farinha; mas o melhor é você não fazer barulho, porque com barulho nada se ganha e eu dou-lhe outra farinha em troca. Qualquer engano...

«E o que é facto é que o contra-mestre daquela desafinada filarmónica deu à mu-

lher recalcitrante outra farinha; boa não, mas melhor um pouco do que a primeira com que a tinha intrujado.

«E claro que a freguesia, a ser assim tratada com tanta honestidade e lisura, ia rareando; e, por isso, o moageiro-mór já deu ordens terminantes ao moageiro-chefe para que haja todo o cuidado na farinhação.

Ele tem destes rompantes de honestidade fingida. Ao receber qualquer reclamação sobre as vigarices da farinhação ou quaisquer outras, mostra-se indignado, descompo o sub-gerente, o moleiro, todos os empregados, enfim, dirigindo-lhe os maiores insultos, increpando-os severamente, como se nessas increpações houvesse alguma sombra de sinceridade.

Quem fosse ver o mesmo moageiro-mór, apenas 5 minutos depois da retirada do reclamante, não reconheceria o padre Tobias, conversando afavelmente com os empregados que acabara de descompor, e podia facilmente surpreender o seguinte dialogo:

—Então vocês já julgavam que aquilo era a sério?

—Se lhe parece... parece que nos queria comer a todos...

—Não. É que... são coisas precisas para tapar a boca a estes alarves.

Ainda há pouco enviámos à redacção de A Batalha uma pequena amostra de trigo limpo, do que foi mandado a moer à Samorense por um dos samorenses que mais têm exaltado a Samorense e a Companhia das Lezírias, tendo chegado a cantar, em verso, o elogio dos dois potentados.

Enviámos também um bocado de pão fabricado com a farinha que, em troca do trigo puro, foi enviada pela moagem. Sé quem viu esse pão é que pode dizer se a nossa campanha é ou não cheia de justiça.

O pão é negro, mais parecendo feito de cinza ou de cimento «Portland» do que de farinha de trigo! É bom que se diga que a farinha chegou a casa do dono do trigo cheia de bichos amarelos, com toda a aparência de ser farinha retardada, farinha que deve estar na fábrica há muitos meses; farinha que não pode ser impingida a ninguém, mas que foi agora entregue a um dos que, confiados ainda em que um padre, só por ser padre, há de ser honesto e incapaz de cometer qualquer fraude, lá foi entregar o seu trigo, semeado e criado na sua fazenda, regado com o seu suor.

E, se soubessem como nos veio parar à mão a amostra do tal pão negro feito com farinha da moagem!

Uma mulherzinha a quem a dona do pão se queixou, guardou um bocado de pão para mostrar às comadres, muito em segredo, não fosse algum parente ser despedido da fábrica. Alguém o pediu a essa mulher para o mostrar lá em casa; e, depois de muito passear, o bocado de pão veio ao nosso poder e foi parar à redacção de A Batalha, para ali se avaliar que espécie de pão se come cá na terra onde o trigo se semeia e se colhe!

Já é preciso que um povo seja muito bom, muito sofrido e submisso, para se sujeitar a passar uma vida inteira a semear o trigo com que enriquece os outros, tendo por fado triste o alimentar-se de estrumes, cereais podres, e tudo quanto pode reduzir-se a pó, amassado sob a forma de pão!

Seremos nós os indisciplinadores?

Seremos nós quem semeia o bolexismo?

Seremos nós quem ateia nestes peitos rudes a chama da revolta?

São eles os que exploram infamemente e

PENITENCIÁRIA DE COIMBRA

Como se melhoram as instalações

Aquela Cadeia, que tem um aspecto bélico — como edifício apropriado para os fins a que está destinado, se fôrmos a analisar as suas condições higiénicas e estéticas, não há ninguém de bom senso, que deixe de pasmar!

Vamos ao que mais interessa: Como aquela Cadeia não dispõe de condições para alojar aproximadamente 300 presos, que pelo regulamento dizem ser obrigados a trabalhar, mas como têm que trabalhar em comum e as oficinas não são apropriadas, vamos a ver o que o sr. José Miranda, se lembrou de engendrar!

Havia na Cadeia uns passeios, espécie de jardins de engomar, onde os presos tinham o seu recreio.

O sr. Miranda conseguiu do orçamento do ministério da justiça, uma verba de 18 contos para melhoramento das oficinas e instalação eléctrica e do rancho dos presos. Agora vão os leitores saber em que o sr. Miranda pensou gastar os 18 contos e picos...

Os célebres passeios em forma de ferro de engomar, que estão mais para ser demolidos que para outra coisa, mandou-o cobrir de vigamentos de casquinha e telha de marmela. Sem estética, sem condições higiénicas, ou qualquer comodidade, lembram estas oficinas umas barracas de cães.

Ali são enclausurados 80 a 90 presos, num espaço máximo de 10 metros quadrados, sem ventilação ou janelas com condições de o preso poder respirar um pouco de ar puro, durante as 8 horas a que é obrigado a permanecer ali, numa promiscuidade infame.

O sr. Miranda mandou meter instalações eléctricas na Cadeia, mas só para seu uso — e para vigilância das sentinelas e guardas, não se lembrando este senhor que o preso tem direitos, sendo um destes o ter luz na sua cela até à hora de recolher.

No entanto, o sr. Miranda diz que o preso pode ter luz na cela, se quiser pagar todas as despesas de instalação até à sua cela e o consumo da luz.

O sr. Miranda ainda utilizou parte dos 18 contos para comprar chapas de ferro, para fins a que oportunamente nos havemos de referir.

Aqui está em que o sr. Miranda gastou o dinheiro do Estado sem qualquer utilidade, como é fácil de verificar, se o ministro da justiça se der ao trabalho de ali mandar um engenheiro abalizado, e que com consciência dê o seu parecer.

No entanto o sr. Miranda ha-de apresentar um relatório destas obras, para justificar em que consumiu os 18 contos e já estamos mesmo a adivinhar a cantilena que sua ex.ª terá que empregar, para que por cima de todas estas infames explorações venha uma nota do ministro da justiça elogiando-o pela sua obra...

Coimbra, 31-8-35.—Um leitor.

PRECALÇO DUM CAÇADOR

Ferido por seu cunhado, quando este examinava a caçadeira

No lugar da Fonte, próximo a Cezimbra, existe uma propriedade conhecida pelas «Terras da Volta» pertencente a José Alcide, onde ontem de manhã andava a caça, Júlio Bernardino Balão, de 19 anos, trabalhador rural com seu cunhado Carlos Marques Ferraria, de 21 anos, sapateiro, ambos naturais e residentes na Cotovia, também do concelho de Cezimbra.

Quando ambos estavam descansando, lembrou-se o Carlos de examinar a sua espingarda mas com tanta infelicidade o fez que a arma se disparou casualmente, indo a carga atingir o Júlio no rosto e no olho esquerdo. Transportado para casa ali foi feito um penso provisório, vindo depois para Lisboa, dirigiu-se ao posto da Cruz Vermelha no Terreiro do Paço, onde foi devidamente pensado recolhendo depois à enfermaria de São Fernando do hospital do Desterro.

INSTRUÇÃO

Concurso de livros para o ensino secundário

No ministério da Instrução foi aberto concurso por 180 dias para livros de estudo de ensino secundário. A comissão encarregada da apreciação dos livros, atenderá cuidadosamente ao seu aspecto material, qualidade de papel e tipo empregado na sua impressão, não perdendo de vista as condições de higiene escolar e de apresentação a que devem obedecer os trabalhos desta natureza.

Funcionários universitários

Vai ser restabelecido o regime de contratos para preenchimento de lugares de serventes e guardas do quadro das secretarias gerais, faculdades, escolas e mais estabelecimentos dependentes das três universidades do país.

Os envenenadores

Na estação de Sintra foram apreendidas, sobre o vagão «A» n.º 2035, 35 sacos de farinha, pelo administrador do concelho, por ser visivelmente imprópria para consumo, parecendo conter gesso.

Também no armazém do sr. Augusto Barraca foram apreendidas por idêntico motivo 60 sacas de farinha.

Muito conscienciosos estes cirrúceos farinheiros.

povo que os sustenta, que os engorda, que os enriquece, que passa a vida a trabalhar para eles.

São eles os que, passando nos seus automóveis, espalham sobre o povo a poeira e a lama das estradas, atropelando-o sem dó nem piedade.

São eles os que, consumindo vidas, destruindo existências, nas suas fábricas e oficinas, não têm, nem nunca tiveram, uma palavra de carinho para com aqueles que mutilaram e destruíram para toda a vida, negando-se mesmo a car-lhes uns míseros tostões para o seu passado, a que são obrigados por lei, mas com o que nem o administrador de Benavente, nem autoridade alguma se incomodam!

Serra FRAZ

HORARIO DE TRABALHO

Em Campo de Ourique

Ontem, na rampa de Campo de Ourique no pátio conhecido pela «Cabana do Pai Tomás», encontrando-se a trabalhar, além da hora regulamentar vários pedreiros, carpinteiros e serventes, alguns operários da Construção Civil fizeram-lhes sentir que não deviam tirar o horário de trabalho numa ocasião em que tantos operários se encontram sem trabalho.

Como eles continuassem trabalhando pediram, na esquadra dos Terramotos a intervenção da polícia. O cabo que estava de serviço nessa esquadra, atendeu-os de boa vontade, mandando o guarda 2064 acompanhá-los, o qual fez com que os referidos operários abandonassem o trabalho.

E lamentável que haja na indústria da Construção Civil quem ainda trabalhe além do horário normal, havendo tantos operários nessa indústria, como noutras, sem ter onde empregar a sua actividade.

AS GREVES

A da Parceria dos Vapores Lisboenses

Pintores da Construção Naval e Anexos

Reúnem-se novamente os pintores navais que trabalham na Parceria dos Vapores Lisboenses, que aderiram à greve dos Carpinteiros Navais, apreciando o ofício que foi enviado à Federação Marítima fazendo-lhe sentir a falta de assiduidade que tem havido por parte desse organismo para a solução do conflito, reclamando da mesma para que dê uma nova directriz ao movimento, a fim de que o mesmo não tenha que fracassar por falta de coesão.

Reúnem-se hoje pelas 18 horas, para tomarem conhecimento de novas «demarques» realizadas pelos carpinteiros navais.

Pintores da Construção Civil

A Secção Profissional dos Pintores do S. U. C. Civil apela para todos os seus filiados para que não vão trabalhar para a Parceria dos Vapores Lisboenses, a fim de não prejudicarem os operários dessa empresa que se encontram em greve.

Teatro Apolo

Empresaria Luis Ruas, Limit.

HOJE, 5

o sensacional drama

O Conde de Monte Cristo

Nos principais papeis: Ilda Stichini e Rafael Marques

Combóio que descarrila

PARIS, 4.—Deu-se perto de Dajone o descarrilamento dum combóio de que resultaram 8 passageiros mortos e 40 feridos.

ACREDITA:

A traqueia, a tuberculose, a anemia, o excesso de fôlego, o enfraquecimento orgânico são têm um inimigo poderoso

A

NUCLEO

CALCINA

TÔNICO ENERGICO E SCIENTIFICO

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras

Laboratórios da Farmácia Sarmiento

Preço dos Resfriados, 18

LISBOA

Escola Profissional de Enfermagem

Na Secretaria da Direcção dos Hospitais Civis de Lisboa, no Hospital de São José, encontra-se pelo espaço de 30 dias, a contar de 1 do corrente mês, aberta a matrícula para o próximo ano lectivo na Escola Profissional de Enfermagem.

O Conselho da Sociedade das Nações

ocupou-se da questão de Mossul

GENEVA, 4.—O Conselho da Sociedade das Nações iniciou ontem o debate sobre a delimitação de fronteiras entre o Irak e a Turquia.

Os delegados ingles e turco apresentaram os seus pontos de vista sobre a questão de Mossul.

O ministro turco dos Negócios Estrangeiros, Tewfik Bey, declarou que Mossul pertence legalmente à Turquia, que nunca reconheceu o sistema de mandato nele introduzido pelo governo britânico.

TIVOLI

TEL. N. 3471

AS 8 3/4

Amor de Pai

8 PARTES

Adaptação cinematográfica do romance de J. Claretie «Le Petit Jacques»

Magnífica interpretação

O crime de Pamplinas

Hilarante ciné-farça com o célebre cómico BUSTER KEATON

Uma revista de actualidades

Uma ciné-farça

A sala de espectáculos mais arejada e confortável de Lisboa

AMANHÃ—Matinée às 3 horas

Funcionalismo Público

Ante a desunião que lavra e as fabulosas cooperações de lucros que anualmente se distribuem a equiparação de vencimentos é inútil e mentirosa se não impossível

A lamentável mas passageira febre de desunir que como um tufão tudo avassala, desde os velhos e inúteis partidos políticos até às benéficas e modernas organizações operárias, que uns tomam como um grande mal e outros como um salutar bem, não é quanto a mim nem mais nem menos do que o resultado da tremenda crise de carácter e ambição que a guerra nos legou; crise, que tendo conduzido uns à mais negras privações tem conduzido outros à mais invejável posição, mas que a todos finalmente colocará no seu verdadeiro lugar.

A crise em referência e que alguns atingiu sob forma de grandeza, levando-os a esquecer aquilo que são e o que a si mesmo devem, não deve ser encarada se não como uma vitória momentânea da parte conservadora, pois que, a-pesar-de se apresentarem sob vários aspectos em todos eles revela o seu lado sinistro e criminoso, quer maneando elementos conscientes, quer trabalhando com seres inconscientes, se não é verificado como em todos os campos a luta travada procura atingir o mesmo objectivo, — o estrangulamento dos elementos conhecidos como nefastos à sua obra, isto é, os avançados.

As lutas que entre os velhos e desacreditados partidos políticos, a burguesia parastatária e endinheirada antigamente mantinha, acaba por uma decisão de há muito tomada de ser transferida para o seio da organização proletária, pois que, aí no próprio reduto dos trabalhadores a sua acção será mais fítil e proveitosa, bastando para isso saber com arte e pericia manejar os cordelinhos da propaganda, em que se prestam a colaborar os tais elementos conscientes ou inconscientes, e para isso basta-lhes desacreditarem ou enfiarem os chamados avançados.

Mas impossível será acreditar que uma tal vitória se possa consolidar, vitória que frutos bem amargos tem custado àqueles que se prestam a suportá-la, não só pelo que ela contém de prejudicial para as classes produtoras que na maioria em Portugal se ufam dum passado glorioso de honradas tradições revolucionárias se não ainda porque por espantosos elevam ao nível de classe em nome de quem são cometidas, se não, repararmos no significado da missa mandada cantar pela Associação de Classe dos Empregados Maiores dos Correios e Telégrafos.

A situação de completo adormecimento em que várias classes se mantêm e que a algumas já bastante tem custado e a prova está no decreto Santos Silva, quando ministro da Instrução, de forma alguma se pôde manter por mais esforços que nesse sentido se desenvolvam. A união urge, pois o mal afecta todas as classes, sem distinção de profissão ou serviço.

No Estado, não é só o chamado pessoal menor, ainda que em tudo a maior vítima, que está sendo recompensado pela sua desunião, pois que o restante ou seja a maior parte que ainda há pouco se agitou em prol dum questão justa e urgente, está até agora sem a ela conseguir resposta, e ainda que assim conseguiria a ambiciosa equiparação, se não diz: que espécie de equiparação pode existir entre um chefe de serviços da Caixa Geral dos Depósitos e um chefe de qualquer outra repartição do Estado se aquele além do seu ordenado percebe a insignificante quantia de 18.000 escudos a título de cooperação de lucros? Onde está a equiparação entre um e outro director de serviço se um tem 15.000 escudos e outro não tem nada? Um chefe de secção com 7.000; um chefe de contabilidade com 9.000; um 1.º oficial com 1.600; um 2.º oficial com 1.200; um serventário com 1.400, e um contratado com 1.300? Quais são os funcionários das outras inúmeras repartições do Estado que auferem estas cooperações a-pesar-de todos eles trabalharem a contento dos superiores? Quais são os funcionários que qual sr. Aparício conseguem obter cooperações de 280.000 escudos ou sr. Gilber 230? Nenhum! Como nenhum administrador consegue 50.000.

Não! Nem assim a equiparação seria um facto, pois que as importâncias referidas seriam o suficiente para desmvelarem criaturas da mesma graduação e do mesmo serviço.

A equiparação de vencimentos só será um facto no dia em que todos perceberem um vencimento compatível com as suas necessidades e desempenhem um serviço harmonia com as suas forças e esse dia está tão próximo de nós quanto distante vai ficando o poderia daqueles que desviaram o curso normal do movimento proletário. Antes disso, porém, ainda outra equiparação se pode fazer e essa é a que a maioria clama, equiparação de vencimentos para iguais serviços e idênticas categorias, mas equiparação insofismável, equiparação democrática e justa sem cooperações ou concessões; ao menos, moralidade do sapatiro de Braga: ou todos...

Paulo EMÍLIO

AGREMIações VARIAS

Grupo Excursionista «Os Cegonhas». — Partem hoje para Caldas da Rainha e São Martinho do Porto, no comboio das 18,10 horas.

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

Rebatendo acusações mentirosas

Um «bluff»

Escreve-nos José Filipe, da esquadra das Mónicas onde se encontra preso, a carta que passamos a reproduzir:

Noticiou A Tarde, num dos seus rómbo-boscicos folhetins policiais, que eu tomei parte no atentado contra o major Ferreira do Amaral, num complot contra o major Rodrigues, no assalto ao cobrador da Sociedade de Pescarias e acrescenta ainda que sou falsificador de selos. Todas essas acusações são falsas e só provam um estúpido encarnecimento em tudo digno do mais feio dos Javerts.

Quando foi do assalto ao cobrador estive preso por ter ido visitar meu irmão que se encontrava num dos calabouços do Governo Civil. Nesse dia foram detidos todos os que foram visitar os presos. Ao fim de 24 dias fui posto em liberdade, pelo tenente Jorge de Carvalho, nada se tendo provado contra mim. Sai doente do Governo Civil. Por esse motivo fui três dias depois à consulta do hospital de Santa Marta onde fiquei internado da enfermaria M. 2. A. Lá é que tive conhecimento pelos jornais do atentado contra o major Ferreira do Amaral. Só depois soube pelo boletim do hospital que passava a estar internado sob prisão. A primeira leva de deportados tinha-se dado no dia em que fui posto em liberdade e falava-se já em segunda. Recendo-se nela incluído, a-pesar-de estar inocente, fugi do hospital a fim de não tornar iniquamente o caminho da Guiné.

A Tarde dizia que Filipe José da Costa era meu irmão, alegando para o comprovar que este tinha dado a mesma morada dos «terríveis bombistas» José Filipe e Arsénio José Filipe. Filipe José da Costa deu a sua morada rua do Sol ao Ratoe eu meu irmão moramos na mesma rua n.º 225.

A Tarde disse ainda que eu tinha sido preso no Porto e que tinha feito um atentado contra o chefe dos guardas da Penitenciária, quando eu me encontrava preso há um mês, na esquadra das Mónicas. Daqui se pode inferir os frágeis alicerces em que se apoiam as fantásticas acusações vindas a lume naquele jornal.

Aproveito o ensejo para referir a maneira como nos encontramos na esquadra das Mónicas. Estamos — eu e mais dois companheiros de prisão — metidos num estreitíssimo cubículo, onde nem sequer nos podemos mexer. Temos que nos conservar sempre deitados, motivo porque temos o nosso corpo ferido.

Uma pergunta: quando é modificada a nossa situação? Nem somos remetidos para o tribunal, nem somos postos em liberdade. Porquê?

De V. etc...

José FILIPE

Um encarregado malcriado

Na «Fábrica Aliança» da C. U. F. é encarregado da secção das correntes, Adelino da Silva, indivíduo malcriado para todo o pessoal ao qual responde com palavrões.

Ainda anteontem se deu um caso que indignou todo o pessoal da fábrica. Esse encarregado perdeu um isqueiro, e, como o não encontrasse, indispôs-se com o seu pessoal, apalpando dois operários em plena oficina. Como os restantes se recusassem a tal vexame, foi queixar-se ao chefe das oficinas de lhe terem roubado o isqueiro.

Este mandou o pessoal da referida secção ser apalpado pelo porteiro num andar isolado, diligência que resultou inútil. Depois disto, passado encontrar o Silva o isqueiro no sítio onde o tinha esquecido.

E por causa do esquecimento do senhor encarregado sujeitou-se todo o pessoal da secção a um vexame intolerável. Mas Adelino Silva é sargento espingardeiro reformado e, provavelmente, julga que está tratando com soldados.

A água do Andaluz

Reinú-se a comissão de defesa e melhoramento da água de Andaluz, tomando conhecimento dum importante comunicado científico do distinto clínico dr. sr. Soares da Fonseca em que também declara fazer uso desta água, resolvendo dar-lhe a merecida publicidade.

Para as obras de melhoramentos a realizar recebeu 158\$00 da lista n.º 58 e 159\$50 da lista n.º 74, satisfazendo mais pedidos de listas de subscrição para diversos estabelecimentos e para a corporação dos Bombeiros Voluntários Lisboenses.

Aprovou a minuta do manifesto que vai ser distribuída ao público.

Ocupou-se largamente da forma como é feita a distribuição da água desta nascente estando resolvida a trabalhar para que todo o manancial corra no chafariz de Andaluz.

OS QUE MORREM

José Carvalho Ramos

SANTAREM, 3.—José Carvalho Ramos, de 32 anos de idade, natural de Lisboa, era o prestigioso empregado no comércio que em Santarém deu à causa da sua classe muito do seu saber e da sua aplicada dedicação.

Foi por vezes 1.º secretário do sindicato local e era actualmente seu vice-presidente. Enfermo há pouco mais de um mês, faleceu anteontem cerca das 8 horas, vitimado pelo doloroso sofrimento dum lesão cardíaca. O seu funeral que foi promovido pela classe dos Empregados no Comércio e que se realizou ontem pelas 9,30, foi uma iniludível manifestação da estima e consideração de que gozava.

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PERSEGUIÇÕES

Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa

Comissão Pró-Préso

Reinú-se ontem e constatou com satisfação o operariado — principalmente o da província — está manifestando-se por intermédio dos seus sindicatos contra a manutenção dos deportados na Guiné e Cabo Verde sem que tenham sido julgados, como preceitua a Constituição da República e mais legislação em vigor, manifestações estas que não de certamente levar as autoridades ao cumprimento dos seus deveres, isto é, o imediato regresso dos deportados, para seu imediato julgamento; e feito isto, não fazem mais do que reparar uma injustiça, reparação esta que de modo algum atingirá os que já pereceram.

E pois necessário que todos os sindicatos continuem enviando telegramas ao presidente do ministério, para que o governo saiba, que longe de ser uma minoria que reclama em prol dos deportados, é antes uma população inteira de trabalhadores que não se solidariza com as arbitrariedades do governo de Vitorino Guimarães, e que o actual governo com o seu silêncio vai sancionando.

Tratou depois de assuntos que se predem com a propaganda a fazer em defesa dos deportados e presos por questões sociais, e resolveu por último que a comissão de futuro passe a denominar-se «Comissão pró-regresso dos deportados», a fim de não confundir a sua missão com a da antiga comissão pró-préso, que é a de receber donativos.

Famílias dos deportados

Na próxima segunda-feira devem reunir-se, pelas 13 horas, na calçada do Combóio 38, A, 2.ª as famílias dos deportados.

Apeadeiro de Ourem

Está em via de conclusão este apeadeiro, situado entre as estações de Caxarias e Chão de Maças, importante melhoramento que muito irá beneficiar Vila Nova de Ourem e as demais povoações daquela região, facilitando o seu desenvolvimento.

No referido apeadeiro terão paragem alguns comboios que poderão também ser aproveitados pelas pessoas que se destinem a Fátima.

DESPORTOS

Liga Portuguesa dos Amadores de Natação

Campeonatos regionais de Natação de Lisboa

Para conhecimento dos Clubes filiados esta direcção torna público que a inscrição para os campeonatos regionais de Lisboa termina no dia 7 do corrente, pelas 18 horas, devendo ser entregues no Ateneu Comercial de Lisboa, rua Eugénio dos Santos, 110. O programa destas festas de natação é o seguinte:

1.º Dia 13 do corrente, campeonatos de 100, 1500 metros, 200 metros de buços e 100 metros estilo livre para senhoras. Realizam-se mais neste dia as seguintes corridas: 100 metros estilo livre e 100 de buços para juniores, 50 metros para rapazes menores de 16 anos, mesmo não filiados e 5x50 metros, taça «Zambezia».

2.º Dia 20 do corrente, campeonato de 400, saltos, estafeta 4x200, estafeta 4x100 para senhoras e 100 metros de costas, realizando-se mais neste dia os campeonatos militares do Exército e da Marinha se fôr concedida verba dos respectivos ministérios; 50 metros para principiantes e estafeta 5x50 cinco estilos, over, buços, trudgeon, crawl e costas.

Pistola que se dispara

ferindo uma mulher num pé

No Casal de S. Marques em Rio de Moura, concelho de Sintra, reside Rosa da Conceição, de 20 anos, natural de Belas, com seu pai José Tomás. Este que possuía uma pistola, foi ontem arrecaçada-la entre os colchões da cama. A Rosa, ignorando tal precaução, foi ontem, como de costume fazer a cama, e ao mexer nos colchões a arma caiu no chão disparando-se e indo o projectil alojarse-lhe no pé direito. Conduzida num auto da Cruz Vermelha ao Hospital de S. José, foi-lhe no Banco extraída a bala pelos drs. Fernando Simões e Abel de Carvalho, recolhendo depois à Sala de Observações.

EM SINTRA

Agredido por um cívico

a pretexto dum facto que se não deu

Relata-nos o sr. Carlos Frutuoso Gaio que, quando ontem se dirigia para a estação de caminho de ferro de Sintra, onde trabalhava, e esperavam ali os guardas civis n.ºs 2145 e 1495.

Este último acusava-o de ter vindo comunicar à Batalha qualquer coisa despropositada para ele, e para castigar tal atrevimento agrediu-o com uma bofetada, no que o outro cívico o apoiou, afirmando que se fôsse com ele não ficava por ali.

Até agora ainda A Batalha não publicou nem tem para publicar a tal notícia, cuja hipotética publicação serviu de pretexto ao procedimento do 1495.

Parece, portanto, que apenas houve o intuito da parte desse cívico de «molar a sopa» para ir fazendo «o gosto ao dedo»... Porque isso parece ter-se tornado uma necessidade fisiológica dos senhores mantenedores da ordem.

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

PREÇOS POPULARES!

